

## Laranja

## S.O.S. da citricultura

Evaristo Marzabal Neves \*

A abreviatura da expressão inglesa: *save our souls* (salvai nossas almas), S.O.S., é literalmente “conhecida como o sinal da radiotelegrafia internacional para anunciar o estado de perigo grave e a necessidade de socorro de um avião, navio etc”.

No agronegócio, sem encontrar receptor e aproveitar uma situação ímpar, a cadeia da citricultura brasileira emite um S.O.S. Mas os citricultores e indústrias estão longe de fumar o “cachimbo da paz”.

Os encontros realizados na sede da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp) e em Brasília trouxeram mais animosidade e desentendimento. As notícias publicadas pela mídia foram frustrantes. As ‘rachaduras’ entre produtores e indústrias são expostas à opinião pública, quando o preço do suco é o mais alto em 10 anos.

De uma agenda que se propunha a definir diretrizes para uma renegociação emergencial de preços e condições de fornecimento de frutas dos produtores na safra 2006/07, se instalou um clima de completa sustentabilidade para acordos. O S.O.S. é modificado para o “salve-se quem puder”.

## Estragos nos EUA

A citricultura da Flórida enfrenta os “humores” da natureza, que provoca estragos e se dissipa. Os rescaldos são recolhidos para promover a reconstrução. Já por aqui, o furacão se forma com fortes ventos no mar turbulento entre os elos da cadeia, com estragos duradouros. Este é pior, pois as oportunidades de hegemonia se desgastam e as rachaduras provocadas se alargam, com uma profunda erosão. Sem consenso, os produtores discutiam as seguintes propostas.

Proposta	Preço mínimo da caixa de 40,8 quilos
Associação de Citricultores do Estado de São Paulo (Associtrus)	R\$15,00, equivalente a US\$7, para um câmbio, no início de maio, a R\$ 2,10
Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp)	De R\$8,40 a R\$9,80, correspondente a de US\$3 a US\$3,50, com cotação mínima do dólar a R\$2,80 para os contratos em vigor

Com a investigação aberta a pedido dos citricultores junto à Secretaria de Direito Econômico (SDE) e as tarifas *antidumping* aplicadas pelos EUA, as indústrias mostram ressentimentos. Repactuações isoladas de alguns contratos, feitas com fornecedores, evidenciam uma fraca união entre as indústrias, depois que divergências de mercado reduziram a Associação Brasileira de Exportadores de Cítricos (Abecitrus) praticamente à Empresa Cutrale.

Enquanto isso, as cotações do suco de laranja na Bolsa de Nova York registram grandes altas. Em 02 de maio, a valorização acumulada dos contratos futuros de segunda posição chegou a 66,34% e a 155,70%, respectivamente, nos últimos 12 e 24 meses. O valor de US\$1,6340 por libra peso foi o maior patamar obtido em 14 anos.

Existe um forte desbalanceamento no lado da oferta, onde são previstas ainda quedas na produção de laranja na Flórida. A colheita está 17% abaixo da do ano passado, já castigada e reduzida pelos furacões de 2004. E está vindo uma nova temporada de furacões, com estoques globais em baixa e uma produção brasileira insuficiente para normalizar o mercado. ■

\* Professor Titular – ESALQ/USP.  
E-mail: emneves@esalq.usp.br



## Fitossanidade em risco

O Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), referência internacional em pesquisa e na extensão, padece com o desentendimento. Dependente das contribuições dos citricultores e das indústrias, está em xeque uma instituição responsável, junto com o Centro de Citricultura “Sylvio Moreira”, do Instituto Agronômico de Campinas, por cuidar do outro furacão que assola a citricultura brasileira: a fitossanidade.

O modelo de contribuição compreende o recolhimento de R\$0,09 por caixa. Os produtores reclamam que sua parte de contribuição é automaticamente descontada no momento da entrega da fruta. As empresas dizem que citricultores independentes não contribuem e que, normalmente, têm que complementar o orçamento do Fundecitrus.

Do Fundecitrus, surgem propostas de soluções alternativas para a reconstrução do modelo de contribuição. A primeira é para todos os citricultores e indústrias apoiarem com aportes financeiros. A segunda é dar transparência ao processo, com base no número de pés no volume de suco de laranja exportado. Nesta proposta, o modelo atual do cálculo de contribuição atrelado somente ao número de caixas processadas nas indústrias perderia força e deixaria de existir.

Mas sem uma solução em torno da renegociação dos contratos de fornecimento de laranja entre citricultores e indústrias, nada feito. Neste tempo do ‘salve-se quem puder’, diante dos furacões das discussões sem soluções e da fitossanidade, não custa nada perguntar quem será o receptor do S.O.S. da citricultura.